



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6549 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

A ARTE E O FEMINISMO DECOLONIAL: REFLEXÕES SOBRE A AUSÊNCIA DE MULHERES ARTISTAS E A EXPERIÊNCIA DAS ARPILLERAS DO MAB
Fábria Roseana Souza - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

A ARTE E O FEMINISMO DECOLONIAL: REFLEXÕES SOBRE A AUSÊNCIA DE MULHERES ARTISTAS E A EXPERIÊNCIA DAS ARPILLERAS DO MAB

Palavras-chave: Feminismo. Colonial. Arte.

1. INTRODUÇÃO

A partir das leituras e reflexões realizadas a partir da dissertação de mestrado que esta sendo construída, e descobrimos algumas lacunas que precisam ser problematizadas relacionadas dentro das categorias arte e feminismo, interseccionadas pelas problematizações sobre a categoria gênero. Assim justificamos a necessidade das reflexões trazidas neste resumo, buscando refletir sobre a necessidade emergente de construirmos caminhos que apontam a visibilidade de mulheres artistas através da perspectiva feminista e mulheres que trazem a arte como uma forma contra hegemônica ao sistema capitalista colonial ao qual as mulheres estão inseridas.

Desta forma, ao nos debruçarmos inicialmente sobre a leitura da autora Linda Nochlin (2016), e identificarmos a inexistência de mulheres artistas, nos levou a compreender que perspectiva levantada pela autora precisa ser pautada, pois a mesma traz questões ligadas ao gênero das mulheres, a exemplo da arte, o feminismo e as experiências das mulheres que foram ocultadas pelo colonialismo .

Neste sentido, Ariano Suassuna (2013) aborda a perspectiva da arte e estética introduzindo as problematizações que seguem, pontuando a perspectiva clássica da filosofia do belo, para entendemos as raízes profundas e históricas que legitimaram os homens como protagonistas das arte e idealizadores das celebres obras artísticas.

Assim, a historiadora feminista Joan Scott (1999) pontua que tornou-se um desafio construir uma história problematizando e desconstruindo a compreensão histórica convencional, que deslegitima a experiência das mulheres e as substitui por narrativas hegemônicas por uma gama de fatores, um deles é a visão incompleta e infiel que a

modernidade trouxe, sem considerar a vertente colonial e esta por sua vez privilegia o homem, branco, heterossexual e eurocêntrico.

Contrapondo esta vertente trazemos as experiências das mulheres *Arpilleras* do MAB, a partir de uma inspiração Chilena, trouxe o bordado como expressão de suas vivências em um sistema capitalista colonial, relatando suas violações de direitos nos territórios das barragens. Desta forma, através de um trabalho coletivo em oficinas de educação popular, as mulheres do MAB ressignificam suas vidas e experiências através da arte e a partir destas experiências gostaríamos de pontuar a arte que essas mulheres produzem, é uma forma de construir um feminismo decolonial.

A partir das contribuições e reflexões trazidas pelos autores acima, propomos investigar: quais motivos suprimiram a existência das mulheres artistas ao longo da história? Posteriormente, delimitamos o nosso objetivo geral que consiste em construir caminhos que busquem através do feminismo, problematizando a inexistência de mulheres artistas a partir de uma perspectiva colonial, e nossos objetivos específicos que compreendem a arte como um instrumento que possibilita a existência das mulheres, e trazendo a possibilidade de colocarmos a arte como um experiência decolonial na vida das mulheres arpilleras do MAB.

Utilizaremos a metodologia de investigação feminista através da Marta Castañeda (2008) que nos apresenta alguns caminhos teóricos que nos mostram uma realidade pautada na realidade feminista, pois se faz necessário falarmos de uma metodologia feminista a partir de uma perspectiva construída que contrapõe a perspectiva androcentrista colonial da ciência e assim construirmos novas perspectivas teóricas e metodológicas para desconstruir os preconceitos de gênero em metodologias convencionais que sustentam a desigualdade entre os sexos, e excluem as mulheres cabendo as mesmas e ao próprio feminismo trazer para história fatos que foram escondidos da própria história por ela ter sido escrita e narrada a partir de um viés colonizador.

Como percurso metodológico adotado, utilizaremos a pesquisa bibliográfica, de acordo com Severino (2007) este método de pesquisa é concebido através de registros disponíveis, extraídos de pesquisas anteriores, utilizando dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e que foram devidamente registrados, assim tornando-os fontes confiáveis para serem pesquisados.

2. DESENVOLVIMENTO

Para iniciarmos as discussões propostas, entendemos a necessidade de trazermos as concepções apontadas por Ariano Suassuna (2013), ao considerarmos a perspectiva clássica da filosofia do belo que influi a nossa subjetividade.

Suassuna (2013) traz outro ponto muito relevante para as discussões que discorreremos neste texto, pois o autor partindo de pressupostos hegelianos, traz a concepção de que o belo esta ligado ao masculino, o que nos apontam caminhos que direcionam o nosso entendimento para que desde que possamos entender que o privilégio do contato com a estética e arte foi direcionado aos homens, e que começaram na Grécia antiga, com Platão, que de acordo com Suassuna (2013) concebe a beleza como algo que não se materializa e que possui características específicas, sendo elas, superior, absoluta, divina e única.

2.1 A INEXISTÊNCIA DE MULHERES ARTISTAS NA HISTÓRIA.

De acordo com a autora Linda Nochlin (2016) existem tantas questões que envolvem o universo das pautas feministas emergentes que algumas delas não ganham a notoriedade que precisam. Entendemos pois, que isso ocorre por fazerem parte de contextos que são

invisibilizados pela sociedade por necessitarem de um olhar crítico e sensível para serem abordados, como por exemplo a arte.

Partindo deste pressuposto, podemos entender que a arte abre as fronteiras da imaginação, e esta entra por caminhos fenomenológicos que causam uma certa reviravolta na subjetividade humana, causando desconfortos que podem ser encarados no sentido positivo ou negativo, o que possivelmente justificaria a ausência de mulheres artistas que fossem cientificamente aprovadas. Ao pontuar a afirmativa, “cientificamente aprovadas”, Nochlin (2016) pontua que o fato das mulheres terem útero ao invés de pênis seria um pretexto colonial para que a sociedade invalidasse as manifestações artísticas femininas, pois os seus úteros seria uma espécie de atestado de invalidez. Porém se faz necessário pontuarmos que em uma sociedade colonial marcada pelo patriarcado, este repele e desconstrói a possibilidade de validação das mulheres construírem um mundo com outro olhar além do perpetrado hegemonicamente.

Estas concepções são afirmadas por Nochlin (2016, p.8) ao pontuar que nas artes bem como em centenas de outras áreas, são entediadas, opressivas e desestimulantes para todos aqueles que, como as mulheres, não tiveram a sorte de nascer brancos, preferencialmente classe média e acima de tudo homens

2.2 A NECESSIDADE EMERGENTE DO FEMINISMO PAUTAR A ARTE PELOS OLHARES FEMININOS

Quando Lugones (2014) aponta a necessidade de descolonizar o gênero, e colocar este exercício como uma práxis, ela decreta uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social, corroborando com a perspectiva apontada por Linda Nochlin (2016), quando a mesma propõe que o feminismo precisa parar de acatar a perspectiva de que existem mulheres artistas, porém que não forma reconhecidas suficientemente historicamente e assim propor a reabilitação ou redescobrimto de possíveis carreiras a partir de suas experiências. Além da autora também pontuar que existe uma vertente feminista a qual aponta que na arte, existe a diferença subjetiva do estilo feminino e masculino baseados nas experiências que cada gênero carrega.

Linda Nochlin (2016) ainda aponta que se entendermos que existem um grande número de mulheres artistas escondidas, e se estas propusessem diferentes padrões de arte que se opusessem aos homens, não podendo existir ambos, seria incompatível com a proposta central do movimento feminista que historicamente luta para que haja a igualdade de gêneros.

Entendemos que merece de nós uma atenção peculiar o apontamento que a autora faz ao decorrer do texto, quando a mesma pontua que grandes artistas consagrados mundialmente, poderiam não terem chegado ao patamar social, histórico e político que chegaram, se não fossem homens, brancos e europeus, e se não passassem horas a fio praticando a arte a qual se propunha desenvolver, o que não fazem deles gênios e sim sujeitos socialmente privilegiados.

2.3 A EXPERIÊNCIA DAS MULHERES ARPILLERAS DO MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS - MAB

Neste sentido, entendermos que a história foi escrita de forma unilateral com uma forte tendência a invisibilizar experiências contra hegemônicas, Scott (1999) contribui enfatizando que as experiências devem sempre questionar sua posição enquanto origem na narrativa histórica, ou seja, quando considera-se apenas as narrativas hegemônicas, as vidas

dos sujeitos subalternizados são reduzidas apenas a histórias e não como experiências, fazendo com que as experiências perdessem sua força.

Benjamin (1987) contribui consideravelmente com a perspectiva da experiência com a sua linha pensamento decolonial, ao introduzir a ausência das experiências como sendo uma completa barbárie, e ainda apontando que a ausência de experiências não é algo privado e sim algo que permeia toda a humanidade, e esta por sua vez foi marcada por vários homens que foram construtores lineares, dentre eles os artistas que tinham em mente a preocupação de começar o mundo de forma matemática, mostrando mais uma vez que a história do mundo foi pautada a partir de narrativas de homens e não de experiência de sujeitos.

No Brasil, o grupo de mulheres atingidas por barragens, conhecidas como *Arpilleras*, constroem o Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, fazendo bordados que refletem as suas vidas, histórias e memórias, além de denunciarem as violações de direitos sofridas nos territórios das barragens que antecedem as construções das usinas hidroelétricas por todo território nacional.

Em meio a obscureidade da ditadura militar já não conseguia sufocar as vozes que ecoavam face as reivindicações camponesas que seguiam resistindo fortalecendo e trazendo discussões necessárias sobre direitos civis, sociais e econômicos além das discussões sobre a terra e outras pautas emergentes que desembocaram no ano de 1988 com promulgação da Constituição Federal Brasileira.

Toda esta trajetória histórica fizeram com que o Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, construíssem sua identidade que é construída através das narrativas de seus sujeitos atingidos para além da construção de barragens e sim por uma série de violências que foram aplicadas e legitimadas por um discurso capitalista, ancorado em uma perspectiva de modernidade que escondia a tênue face colonial.

Desta forma, no ano de 1989 deu-se o I Encontro Nacional de Trabalhadores Atingidos por Barragens o qual a partir dele foi construído um documento que sinalizava as construções realizadas no encontro, diante das narrativas dos seus sujeitos contendo especificidades sociais, culturais e econômicas levando em consideração as regiões dos sujeitos, dentre eles as mulheres que se organizam em grupos espalhados por todo Brasil, denominadas como *Arpilleras*.

A histórias das *arpilleras* dentro do MAB, surgiu no ano de 2013 e firmou-se nacionalmente no ano de 2014, quando o Coletivo de Mulheres do movimento, adotaram a técnica das *arpilleras* como um instrumento de denúncias, desta forma a prática das mulheres atingidas por barragens passou a ser construída de forma coletiva, independentemente da região do Brasil. Assim tudo passou a ser decidido e executado em grupo, desde da escolha dos materiais até o próprio desenho da produção das *arpilleras* e foi desta união que vem a força deste coletivo.

De acordo com o MAB (2015) o Coletivo de Mulheres do MAB se inspiraram no poder que as *arpilleras* chilenas tiveram e que a partir daquelas experiências relatadas descritas através do bordado, começaram a repensar em todos os sentidos a ideia e lugar tradicionalmente colocado as mulheres, atingidas ou não pelas barragens.

As MAB (2015) pontua que a construção das *arpilleras* parte de um trabalho que é

feito através de oficinas de educação popular, onde existe um aprendizado coletivo e através da arte do bordado, tecendo-o e problematizando questões relacionadas a colonialidade, questões de gênero, patriarcado e a divisão sexual do trabalho, construindo assim um feminismo decolonial, a partir de suas experiências contra – hegemônicas construídas coletivamente a partir de um movimento social.

3. CONCLUSÃO

Diante das reflexões sugeridas pela autora Linda Nochlin (2016), podemos entender que a inexistência de mulheres artistas, é um face da perspectiva a qual a autora aponta como sendo a equivocada concepção compartilhada do senso comum a respeito do que seria arte, ou seja, uma ingênua representatividade de que arte é um expressão individual de uma experiência emocional ou a tradução da vida pessoal em termos visuais.

Por tanto, gostaríamos de frisar que a autora aponta caminhos que merecem ser pontuados como uma forma de contra hegemonia a dominação masculina, que através do patriarcado coloca as mulheres em uma situação de alienação e vitimização, por isso podemos propor que a arte pode ser um potente instrumento para desconstrução desta perspectiva colonial que foi perpetrada as mulheres ao longo da história.

Porém uma arte legitimamente feminina marcada pelos olhares de mulheres que mesmo carregando as marcas do colonialismo, possuem a vitalidade de escrever artisticamente o mundo sob sua ótica de forma coletiva, plural e legitimamente feminina, considerando e visibilizando as experiências das mulheres e tendo-as como inspiração e resistência decolonial feminista, para não tornamos a história e experiência das mulheres como um vidro, parafraseando a metáfora trazida por Benjamin (1987) que de tão duro e tão liso, nada se fixa e não existe aura, apenas sendo utilizado como um objeto para uso dos outros.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Escola de Frankfurt Experiência e pobreza**. In: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo:Brasiliense, 1987, p. 114-119. Disponível em: <https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

CASTAÑEDA, Martha Patricia Salgado. **Metodología De La Investigación Feminista**. Colección Diversidad Feminista, Abril, 2008.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo decolonial**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 22 jul. 2020.

Movimento DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS (MAB). **Mulheres atingidas por barragens em luta por direitos e pela construção do projeto energético popular**. São Paulo, 2015.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Edições Aurora / Publication Studio, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020

SCOTT, Joan W. **“EXPERIÊNCIA”**. Falas de Gênero. Alcione Leite da Silva, Mara Coelho de Souza Lago e Tânia Regina Oliveira Ramos (Orgs.). Editora Mulheres, Santa Catarina,

1999. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scoot-Experiencia.pdf. Acesso em: 22 jul. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, rev. e atual, Cortez, 2007

SUASSUNA, Ariano, 1927. **Iniciação à estética** [recurso eletrônico] / Ariano Suassuna. - 1. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.